

**Estudo diacrônico da defectividade verbal:
variáveis morfopragmáticas e fonológicas na língua portuguesa**
*Diachronic study of verbal defectiveness:
morphopragmatic and phonological variables in portuguese language*

Henrique do Nascimento GONÇALVES¹

Edilza de MOURA²

Resumo: O presente artigo busca estabelecer uma relação entre aspectos gramaticais e uso da linguagem com verbos defectivos, analisando as razões históricas, características estruturais do verbo defectivo, questões fonológicas e pragmáticas do porquê e de como ocorre este fenômeno linguístico. O estudo possui caráter bibliográfico e, para entender melhor o fenômeno da defectividade, traz um estudo comparativo, apresentando conceitos de defectividade encontrados em algumas gramáticas de língua portuguesa, dentre as quais se encontram Bechara (2017), Cunha e Cintra (2013) e Cegalla (2020). A investigação ressalta, ainda, que o ensino precisa fugir de padrões estritamente normativos, posto que o uso linguístico dos falantes interfere diretamente no funcionamento da língua.

Palavras-chave: Defectividade Verbal. Ensino. Língua Portuguesa. Pragmática.

Abstract: This article intends to establish a relationship between grammatical aspects and use of language with defective verbs, by analyzing the historical reasons, structural characteristics of the defective verb, phonological and pragmatic issues of why and how this linguistic phenomenon occurs. The study is bibliographical in nature and, to better understand the phenomenon of defectiveness, it brings a comparative study, presenting concepts of defectiveness found in some grammars of the Portuguese language, among which are Bechara (2017), Cunha and Cintra (2013) and Cegalla (2020). The investigation also emphasizes that teaching needs to escape from strictly normative standards, since the linguistic use of speakers directly interferes with the functioning of the language.

Keywords: Verbal Defectiveness. Teaching. Portuguese language. Pragmatics.

DOI: 10.24024/23585188v14n1a2021p1170129

Introdução

Muito se tem dito sobre verbos e suas conjugações, mas pouco se aborda sobre a defectividade verbal, que consiste na ausência de flexões verbais, estando esse aspecto a merecer maiores estudos. Percebe-se que, quando um estudante do Ensino Fundamental é apresentado à morfologia dos verbos, logo lhe é dito que são palavras que podem ser conjugadas, isto é, podem receber flexões que diferenciam tempo, modo, pessoa, número e voz.

Entretanto, na maioria das vezes, ignora-se, nesse estudo inicial, que alguns deles simplesmente não possuem conjugação completa, ou seja, não seguem o paradigma das conjugações apresentado nas gramáticas e livros didáticos. Alguns apenas se apresentam na terceira pessoa, chamados de unipessoais, que alguns gramáticos incluem entre os defectivos. São exemplos mais comuns dessa característica os verbos que indicam vozes de animais (com variação de número). Também os verbos impessoais são, por vezes, incluídos entre os defectivos, como os que indicam fenômenos da natureza (apenas no singular). Mattoso Câmara, em sua obra *Dicionário de filologia e gramática*, afirma que impessoais e unipessoais não

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras-Português/Inglês | FAFIRE | E-mail: henrique.slytherin@hotmail.com

² Mestre em Linguística pela UFPE | professora da FAFIRE | orientadora da pesquisa | E-mail: edilzam@prof.fafire.br

devem ser confundidos com defectivos, visto que o fato de aqueles apresentarem apenas a terceira pessoa advém de sua significação e aplicação, portanto, há uma explicação semântica.

A defectividade de alguns verbos portugueses possui bases em áreas da Linguística, daí porque este artigo prioriza analisar aspectos fonológicos, morfológicos e pragmáticos, na busca de entender o que impulsiona essa falta de conjugação verbal. Ressalta-se, aqui, que o problema possui fontes pragmáticas, uma vez que o uso ou a falta dele faz com que verbos a que antes não era cabível conjugação passem a ter flexões.

Analogicamente, o uso linguístico trata a dinâmica de alguns léxicos entrarem em desuso ou até voltarem a ser usados. Desse modo, partindo de tal ponto, a língua é vista como algo fluído e passível de mudança, através do uso linguístico-social.

Além disso, a defectividade verbal assenta bases fonológicas, pois a Eufonia e a Homofonia são conceitos que perpassam tal linha de estudo. Ademais, alguns verbos não são conjugados por conterem ambiguidade semântica com outros verbos ou até pela sonoridade desagradável que lhes são acentuadas. Sendo assim, a fonologia também será um guia para entendermos o funcionamento desse tipo de léxico.

E, por fim, a morfologia, que atua diretamente nos estudos verbais, apresentando conceitos de verbos rizotônicos e arrizotônicos, ou seja, a tonicidade estar contida na raiz do morfema ou nas desinências morfológicas aparece como condicionante para o verbo apresentar defectividade.

Também são destacadas algumas vertentes histórico-estruturais de determinados verbos, justificando optar-se por um estudo diacrônico, no sentido de buscar, na origem do léxico, respostas que confirmem as causas desse fenômeno linguístico.

Dessa forma, a investigação defectiva, presente neste artigo, busca dialogar com algumas áreas trazidas do âmbito linguístico e sua relação com a sociedade e, também, com a docência no ensino de Língua Portuguesa, de forma a estabelecer um panorama histórico-comparativo na história da língua portuguesa, dando relativa ênfase à evolução dos verbos latinos para os verbos portugueses, buscando entender como funciona o processo de conjugação verbal, partindo da morfologia para a pragmática e identificando, por fim, a relação de linguagem e uso linguístico com alguns desses verbos.

Trata-se de um estudo bibliográfico, por utilizar fontes primárias e secundárias, como gramáticas e artigos; uma pesquisa básica, de caráter qualitativo, já que preocupa-se com a interpretação de acontecimentos, incorporando significados; uma pesquisa histórico-

comparativa, pois, a partir de um viés diacrônico, apresenta uma preocupação com a origem e evolução de uma variável dos verbos defectivos; e, por fim, um estudo descritivo, uma vez que visa descrever aspectos formais e pragmáticos da defectividade verbal, tendo, portanto, como base, uma problemática central.

Essa investigação, ainda, traz à tona conceitos abordados em gramáticas distintas, tendo, como referência a gramática de Bechara (2017), a de Cegalla (2020) e a de Cunha e Cintra (2013). Afinal, procura-se, ao menos, garantir um melhor entendimento por parte dos estudiosos da língua, acerca dos fatores contribuintes para esse processo de defectividade de um verbo.

1. Verbos defectivos portugueses: estudo histórico-comparativo da evolução da Língua Portuguesa

A história da Língua Portuguesa, desde os seus primórdios, já esteve atrelada a uma fragmentação política e linguística, a partir do surgimento do latim como língua oficial na região central da Itália, chamada de Lácio. Sabe-se que, dentre os dialetos existentes no Império Romano, destacam-se o Latim Arcaico, o Latim Clássico, o Latim Culto, o Latim Vulgar e o Latim Tardio, sendo esses apenas variações linguísticas do Latim, não tendo distinção alguma no que se refere ao tempo histórico. Entretanto, conforme Basso (2014), a história do português não está ligada ao que chamamos de Latim Clássico, que era o dialeto convencionalmente utilizado pela nobreza romana. Segundo ele, “(...) A língua que resultou nas línguas românicas modernas não foi o que chamamos de Latim clássico, mas, antes, o latim falado pelas pessoas comuns, no dia a dia, nas mais diversas interações: o chamado Latim Vulgar” (BASSO, 2014, p. 35).

Portanto, sabendo-se que, tanto questões lexicais, quanto particularidades sintáticas e semânticas da língua portuguesa vieram dessa variante latina, consegue-se entender o motivo de alguns verbos sofrerem algumas mudanças estruturais no decorrer da história, e tais mudanças estarem intrinsecamente ligadas ao falar cotidiano.

Para uma língua poder existir, é necessário que existam falantes desse idioma, e, a partir do momento em que ela é usada, essa língua está sujeita a mudanças fonéticas e sob a interferência das condições de uso. Todavia, embora a língua portuguesa tenha advindo do Latim Vulgar, estudos como os de Neuer (1897) e Wagner (1902) comprovam que o fenômeno

da defectividade está distante de ser algo atual, pois já se encontravam resquícios de léxicos defectivos no sistema nominal e verbal do Latim Clássico.

É importante ressaltar que o fenômeno da defectividade não é algo estático, uma vez que alguns dos verbos defectivos que conhecemos na língua portuguesa não o eram na língua latina, a exemplo do verbo falir (*fallere*), conjugado no presente do Indicativo de nossa língua e no latim, respectivamente, como demonstrado abaixo.

Quadro 1. Verbo defectivo: falir

Verbo: FALIR		Verbo: FALLERE	
Eu	X	Eg o	<i>Fallo</i>
Tu	X	Tu	<i>Fallis</i>
Ele	X	ille	<i>Fallit</i>
Nós	Falimos	No s	<i>Fallimus</i>
Vós	Falis	Vo s	<i>Fallitis</i>
Ele s	X	illi	<i>Fallunt</i>

Fonte: Bellard (1969, p. 195)

Outros exemplos de verbos defectivos no português que no latim eram conjugados em todas as pessoas são: abolir, brandir, carpir, colorir, demolir, exaurir, fremir, haurir, imergir, jungir, disjuntir, retorquir e soer. Tendo em vista tais protótipos, confirma-se que os verbos defectivos portugueses possuem maior incidência na terceira conjugação, algo que será melhor analisado, entretanto, nos subtítulos seguintes.

Algumas formas verbais defectivas encontradas no Latim Clássico, segundo Barbosa (2016, p. 01), são formas em que, sobretudo, destacam-se alguns tempos verbais do indicativo. Os estudos de Almeida (2001, p. 313), inclusive, atestam a defectividade também no presente do subjuntivo, como se evidencia na conjugação do verbo FALAR, a seguir:

- a) Presente - *Aio* (eu falo); *Ais* (tu falas); *Ait* (ele/ela fala) e *Aiunt* (eles/elas falam); não havendo a primeira e segunda pessoa do plural.
- b) Pretérito imperfeito - *Aiebam* (eu falava); *Aiebas* (tu falavas); *Aiebat* (ele/ela falava) e *Aiebamus* (nós falávamos); não refletindo a segunda e a terceira pessoa do plural.
- c) Pretérito perfeito - *Ait* (ele/ela falou); só usando a terceira pessoa do singular.

- d) Presente do subjuntivo: *Aias* (tu fales), *Aiat* (ele/ela fale), *Aiant* (eles falem).

Já no Latim Arcaico, segundo os estudos de Barbosa (2016), é possível encontrar formas verbais defectivas também em outros modos temporais:

- a) No presente do subjuntivo, em que o verbo falar passa a ser utilizado apenas na terceira pessoa do singular: *Aiat* (ele/ela fale);
b) No imperativo afirmativo, usado somente na segunda pessoa: *fare* (fala).

Além disso, temos o verbo dizer (*Inquam*), utilizado tão somente nas três pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo: *inquii* (eu disse); *inquisti* (tu disseste); *inquit* (ele/ela disse).

Já Almeida (2001, p. 315) mostra que o verbo dizer (*Inquam*) é conjugado em todas as pessoas no presente do indicativo: *Inquam* (eu falo), *inquis* (tu falas), *inquit* (ele/ela fala), *inquimus* (nós falamos), *inquitis* (vós falais), *inquunt* (eles falam). Mas é defectivo no imperfeito (*inquiebat*), no futuro (*inquies*, *inquiet*) e no perfeito (*inquisti*, *inquit*), alertando que a diferença entre a forma *inquit* do presente se distingue da idêntica flexão do perfeito pelo contexto de uso.

Os estudos de Barbosa (2016) apontam que uma das principais causas da defectividade no Latim seria a própria estrutura morfológica, já que, possuindo duas subdivisões de tempos verbais (o *Infectum* e o *Perfectum*), os verbos defectivos possuíam mais incidência nos tempos verbais denominados *Perfectum*, em que o pretérito perfeito seria o principal tempo verbal dessa subdivisão. Nesse grupo, os verbos denotam ações perfeitas, concluídas, enquanto no grupo dos *Infectum*, os verbos denotam ações incompletas, que se percebem no presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e futuro do presente do indicativo (BARBOSA, 2016, p. 01).

Vê-se, assim, que verbos defectivos não existem apenas em línguas consideradas modernas. Eles já eram percebidos desde o Latim Clássico e foram sofrendo alterações fonéticas e estruturais, à medida que eram utilizados pela sociedade.

Portanto, percebe-se que o fenômeno da defectividade se assenta em bases antigas, que podem ser explicadas diacronicamente. Ademais, tal manifestação linguística vai muito além de aspectos puramente morfológicos, pois o uso linguístico-social está intimamente ligado ao seu funcionamento. Exemplifica-se esse aspecto com a expansão do Latim Vulgar (*Sermo Vulgaris, Plebeius ou Rusticus*), sobrepondo-se ao Latim Clássico (*Sermo Urbanus, Eruditus ou Perpolitus*) e proliferando-se nas diferentes línguas neolatinas.

2. Conjugação verbal dos verbos defectivos: da morfologia à pragmática

2.1 Conceituação de verbos defectivos nas gramáticas normativas

Segundo Bechara, “Defectivo é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas” (BECHARA, 2017, p. 188). Portanto, parte-se, na verdade, da irregularidade apresentada por esse tipo de léxico, apontando uma quebra lógico-estrutural, que perpassa, principalmente, o campo morfológico da língua. Cunha e Cintra (2013) apresentam uma definição um tanto similar. Para os teóricos, “Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas. As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis (...). Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada damos o nome de defectivos” (CUNHA E CINTRA, 2013, p. 457-458).

Já para Pestana (2018), verbos defectivos “são aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal defeito ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado inteiramente nos outros tempos e modos verbais” (PESTANA, 2018, p. 405).

Da mesma forma, Cegalla (2020) descreve que esses verbos “são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas. A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas ou homofônicas não foram vivificadas pelo uso” (CEGALLA, 2020, p. 247-248). Percebe-se que, embora os teóricos citados apresentem o conceito sob perspectivas distintas, todos eles discorrem de forma bastante idêntica na conceituação de verbos defectivos.

2.2 Aspectos morfológicos da defectividade verbal

Bechara (2017), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, divide os verbos defectivos portugueses em três grupos, partindo de propriedades morfológicas:

- verbos que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparece A ou O, como banir, colorir, explodir, ruir, exaurir...;
- verbos que se usam tão somente nas formas em que depois do radical aparece I, como esbaforir, falir, florir, ressarcir, combalir...;

• verbos que apresentam particularidades especiais, como: precaver, reaver, adequar, antiquar (no presente do indicativo, só se conjugam na primeira e segunda do plural; faltam-lhe o presente do subjuntivo e o imperativo negativo; e só apresentam a segunda pessoa do plural no imperativo afirmativo), grassar e rever (só se usam nas terceiras pessoas).

Essas seriam definições que melhor se aproximariam de aspectos do morfema, em sua construção de conjugação verbal. Além disso, Cunha e Cintra (2013) concordam com o pensamento de Bechara e detalham que, nesses casos, a defectividade verbal pode ser determinada por verbo que não possui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, conseqüentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo, visto que é um tempo derivado do presente do indicativo; também sendo ausentes todas as pessoas do imperativo negativo (que derivam do presente do subjuntivo) e quatro pessoas do imperativo afirmativo, conforme nos mostram os quadros da seqüência.

Estes exemplificam a definição de Cunha e Cintra (2013), com o verbo *colorir*, que se apresenta defectivo nas suas formas rizotônicas, e com o verbo *falir*, em que ocorre defectividade nas formas arrizotônicas:

- I. Verbos que, no presente do indicativo, só apresentam a conjugação em formas rizotônicas, ou seja, que apresentam a sílaba tônica dentro do radical.

Quadro 2. Verbo defectivo: colorir

Verbo: COLORIR			
Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Eu X →	Eu X	X	X
Tu colores →	Tu X →	Colore Tu	Não X Tu
Ele colore	Ele X →	X Ele	Não X Ele
Nós colorimos	Nós X →	X Nós	Não X Nós
Vós coloris →	Vós X →	Colori Vós	Não X Vós
Eles colorem	Eles X →	X Eles	Não X Eles

Fonte: quadro elaborado pelos articulistas

- II. Verbos que, no presente do indicativo, só apresentam a conjugação em formas arrizotônicas, ou seja, que apresentam a sílaba tônica fora do radical.

Quadro 3. Verbo defectivo: Falir

Verbo: FALIR			
Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo
Eu X	Eu X	X Eu	Não X Eu
Tu X	Tu X	X Tu	Não X Tu
Ele X	Ele X	X Ele	Não X Ele
Nós falimos	Nós X	X Nós	Não X Nós
Vós falis	Vós X	fali Vós	Não X Vós
Eles X	Eles X	X Eles	Não X Eles

Fonte: quadro elaborado pelos articulistas

Dessa forma, percebe-se que a defectividade verbal é impulsionada por alguns fatores morfológicos, sendo alguns por conceito de verbos rizotônicos e arrizotônicos. Em notoriedade geral, verbos rizotônicos são verbos em que a tonicidade lexical se encontra na raiz da palavra, enquanto verbos arrizotônicos são o oposto - a tonicidade é encontrada fora da raiz verbal, podendo ser pelas vogais temáticas ou pelas desinências modo-temporal e número-pessoal.

Existem verbos defectivos em que só se conjugam as formas arrizotônicas. São exemplos: falir, adequar-se, precaver, comedir-se, dentre outros. Destaca-se, aqui, que alguns tempos e modos verbais derivam de outros tempos e modos. Logo, se um verbo não é conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, não será conjugado nem no presente do subjuntivo, nem no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo, visto que tais tempos derivam do presente do Indicativo, como já esclarecido anteriormente.

Além disso, Bechara (2017) se preocupa em diferenciar verbos impessoais de verbos defectivos, o que erroneamente é atribuído por alguns gramáticos a alguns verbos impessoais. Verbos impessoais, segundo Schaff Filho (2003), são tipos de verbos defectivos, pois só se conjugam na terceira pessoa do singular, e que, conforme a tradição normativa, se houver qualquer lacuna lexical dentro do processo de conjugação verbal, atribui-se o título de defectivo. Entretanto, para Bechara (2009), a questão da ausência verbal nos verbos impessoais se dá muito mais por uma questão de significação, caso haja uma restrição semântica presente na própria ideia do verbo, e não por um fenômeno linguístico defectivo, com a falta de um espaço morfossintático a ser preenchido.

Outrossim, além de o fato da defectividade advir de fatores rizotônicos e arrizotônicos, conceito convencionado pelos gramáticos, Oliveira (2017) adverte que o fenômeno em questão possui maior incidência em verbos da terceira conjugação, chances prováveis em verbos na segunda conjugação e chances quase inexistentes em verbos da primeira conjugação.

Além disso, sobre o fenômeno defectivo, segundo o linguista, depreende-se, portanto, que um verbo, embora possua razões estruturais e morfológicas para ser defectivo, possa sofrer influências diretas de fatores externos à língua, conforme seu funcionamento.

2.3 Aspectos fonético-fonológicos da defectividade verbal

Como já dito anteriormente, não existem verbos defectivos estáticos. Nenhum verbo “nasce” defectivo e “morre” defectivo; eles se tornam como tal, a depender de situações sociocomunicativas, presentes no falar diário. Dessa forma, a fonologia e a pragmática serão primordiais nesta análise, visto que, num contexto pragmático, a língua em uso sofre alterações de sentido (semânticas) e de pronúncia (fonético-fonológicas) constantemente.

Sendo assim, “a defectividade verbal é devida a várias razões dentre as quais a Eufonia e a Significação. A defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razão do uso (...)” (BECHARA, 2017, p. 188). Para o gramático, portanto, o uso linguístico está diretamente relacionado com o fenômeno em questão, exemplificando com o verbo colorir, ao afirmar que “Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a primeira pessoa do singular do verbo colorir (coloro), não se mostra igualmente exigente com a primeira pessoal do verbo colorar” (BECHARA, 2017, p. 188).

Nesse caso, uma das bases de tal problema reside na sonoridade do léxico. A homofonia de termos, como nos exemplos colorir (coloro) e colorar (coloro); ou até em falir (falo) e falar (falo), justificando que verbos com proximidade morfológica e, sobretudo, fonética, na primeira pessoa do presente do indicativo, tenham seu uso impossibilitado, por gerar ambiguidade com outros verbos.

Ademais, a Eufonia, segundo Bechara, é uma outra causa dessa defectividade verbal. A Eufonia, que se caracteriza pelo som agradável, em oposição à cacofonia, efeito fonoestilístico desagradável, contribui para o uso ou desuso de alguns verbos, como bem ilustra Pestana (2018), em sua obra *A gramática para concursos públicos*, ao dizer:

Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que computar é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da
[Revista FAFIRE, v. 14, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 2021](#)

sonoridade, digamos assim, erótica. Não apresentando a primeira, segunda e terceira pessoa do singular, respectivamente: eu computo, tu computas, ele computa. (...) Nem vou dizer como se conjuga sacudir, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1º p.s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar (PESTANA, 2018, p. 405-406).

Alguns verbos, portanto, tornam-se defectivos pela sonoridade desagradável, e, por esse motivo, a fonética interferiria diretamente na conjugação desses verbos. Cegalla, entretanto, argumenta que, embora a defectividade verbal ocorra por fatores antieufônicos e homofônicos, “Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso” (CEGALLA, 2020, p. 248).

2.4. Aspectos pragmáticos da defectividade verbal

Segundo Pinto (2010), a Pragmática nunca considera os estudos linguísticos isoladamente, posto que leva em sua essência a fala e seus contextos de produção social, pois “os estudos pragmáticos pretendem definir o que é linguagem e analisá-la trazendo para definição os conceitos de *Sociedade* e de *Comunicação*” (PINTO, 2010, p. 48). Sendo assim, a pragmática está ligada diretamente ao fenômeno da defectividade verbal, já que o uso ou desuso de formas verbais convencionais é influenciado pela sociedade, isto é, pelas situações reais de uso da linguagem.

É por conta desse uso social da linguagem que algumas escolhas pragmáticas de padrões flexionais de um verbo não causam estranheza no diálogo não acadêmico, como o verbo adequar, na seguinte frase: “Eu me adequo àquela vaga de emprego”. O verbo feder, por sua vez, é defectivo na primeira pessoa do singular do presente do Indicativo (“eu fedo”), talvez por uma questão de bom senso ou amor próprio, mas possui a forma derivada no presente do subjuntivo - eu feda - e não possui os imperativos por uma falta de lógica semântica, da mesma forma que o verbo doer só se conjuga nas terceiras pessoas.

Há alguns verbos que, por seu significado, não podem ter o imperativo (acontecer, poder e caber), e outros, que indicam ação recíproca, que serão conjugados apenas nas três pessoas do plural (entreolhar-se, entrechocar-se), uma vez que não se encontram formas singulares para tais verbos.

Cunha e Cintra (2013) ressaltam que a carência lexical defectiva pode ser suprida através de construções perifrásticas verbais, ou através de sinônimos, que podem, ou não, conter aproximação semântica com o verbo em questão, conforme exemplificado a seguir:

- a) Carência lexical defectiva suprida por meio de construções perifrásticas verbais
- i. Putrefação é um estágio de decomposição de um animal morto; é normal que o corpo do animal em decomposição **fed**a nessa fase. (X)
 - ii. Putrefação é um estágio de decomposição de um animal morto; é normal que o corpo do animal em decomposição **exale um mau odor** nessa fase. (✓)
- b) Carência lexical defectiva suprida através de sinônimos
- iii. A partir de hoje, eu **abolo** o uso daquele tipo de carboidrato, porque traz alguns malefícios para a saúde coletiva. (X)
 - iv. A partir de hoje, eu **elimino** o uso daquele tipo de carboidrato, porque traz alguns malefícios para a saúde coletiva. (✓)

Os exemplos mencionados anteriormente evidenciam que é possível suprir essa carência verbal defectiva, fazendo uso de perífrases verbais ou de sinônimos. Contudo, vale salientar que as substituições não podem modificar o sentido da frase (“eu proíbo” no lugar de “eu abolo”), pois elas transmitem ideias diferentes (abolir = eliminar, suprimir / proibir = não permitir), sendo, pois, imprescindível conter aproximação semântica com o verbo a que eles fazem referência.

Considerações finais

Como se pôde observar, a defectividade verbal é um fenômeno linguístico bastante recorrente na língua portuguesa e carece de mais pesquisas na área linguística. Como já demonstraram, há razões estruturais e pragmáticas para alguns verbos não apresentarem algumas flexões, principalmente do presente, com conseqüente inexistência das flexões derivadas desse tempo verbal. E, dessa forma, pela ausência do uso, ou pela própria filologia linguística, impossibilita-se a sua aplicabilidade em um contexto social.

Conforme o exposto, foram analisados e recolhidos dados históricos, morfopragmáticos e fonológicos, a partir da expansão do Império romano e os diferentes dialetos falados no Lácio, até aproximar-se a um contexto linguístico atual. Consideravelmente, necessitou-se de uma análise pragmática que objetivou identificar o uso linguístico de alguns desses tipos de verbos e de como os falantes interferem diretamente no funcionamento da língua, aspecto que explica

o fato de os verbos defectivos não serem objeto de discussões entre gramáticos e pesquisadores que sedimentam um ensino pautado na normatividade linguística.

O aprofundamento nessa área de investigação foi bastante desafiador, uma vez que, infelizmente, ainda são poucos os estudos feitos sobre fatos defectivos encontrados no português. Portanto, acredita-se que essa pesquisa traga uma provocação e gere mais estudos sobre a defectividade verbal, o que resultará em contribuição produtiva para o campo acadêmico e docente. O desenvolvimento da pesquisa foi extremamente rico e os dados recolhidos foram satisfatórios para o pesquisador. Todavia, levou-se algum tempo para que a ideia do projeto fosse finalmente materializada, justamente devido à escassez de pesquisas nessa área.

Acredita-se que a pesquisa contribuirá para o campo docente, uma vez que os letrólogos licenciados ainda possuem dificuldades ao abordar tal tema em sala de aula, e isso acaba refletindo no entendimento desse fenômeno linguístico, por parte do aluno. Os professores de língua portuguesa precisam trabalhar em sala de aula com o funcionamento da língua, e não pela normatividade pura. Sendo assim, o docente necessita trazer as causas da defectividade para o contexto linguístico-social do estudante.

A temática da defectividade verbal ainda pode ser assunto de futuras pesquisas, uma vez que o artigo não possui caráter conclusivo, mas de abertura a novas possibilidades de trabalho, já que, a cada uso, novos verbos são tidos como defectivos, e verbos que o eram, por razões diversas, deixam de ser. A dinamicidade da linguagem abre portas para novas pesquisas e, no que tange à docência, o professor de língua portuguesa deve, acima de tudo, provocar seus alunos a buscarem entender o fenômeno linguístico, refletindo sobre ele e compreendendo-o como uma inserção mais forte do uso sobre a linguagem do que das normas gramaticais. Não basta o simples domínio de conceitos, regras ou terminologias, embora o aluno possa usá-las, pois o entendimento vai muito além de memorização ou decorebas. Ele ultrapassa aspectos normativos do sistema da língua, confirmando ser a linguagem um fato social, sujeita, portanto, a interferências dos seus usuários.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 313.
BARBOSA, Paulo. **Verbos defectivos em português e latim: estudo comparativo**. Rio de Janeiro: Tópicos de latinidade, 2016.

- BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2014. (Coleção Linguística)
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BELLARD, Hugo. **Guia prático de conjugação de verbos**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 49. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- OLIVEIRA, Klauber Renan Dutra de. **Verbos defectivos no português brasileiro: eles existem mesmo?** 2017. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2018.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SCHAF FILHO, Mathias. **Do acusativo com infinito latino ao nominativo com infinito português**. Tese (Doutorado em Letras linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina: Centro de Comunicação e Expressão, Santa Catarina, 2003.
- SCHER, Ana Paula; GIRARDI, Giulia Yokomizo. Defectividade como uma janela para a arquitetura da gramática: formas verbais inefáveis do português. **Caderno de Squibs: temas em estudos formais da linguagem**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 14–30, 2020.

Recebido em: 24.08.2021

Aprovado em: 01.09.2021

Para referenciar este texto:

GONÇALVES, Henrique do Nascimento; MOURA, Edilza de. Estudo diacrônico da defectividade verbal: variáveis morfopragmáticas e fonológicas na língua portuguesa. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 14, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 2021.